

Os Sete Sacramentos

PELA VOZ INTERNA
DA
PRINCESA MARY KARADJA

e

Prédicas de Advertência

PELA VOZ INTERNA
DE
GOTTFRIED MAYERHOFER

Tradução e revisão: YOLANDA HENRIQUETA LINAU



GOIÂNIA - GOIÁS
EDIÇÃO ELETRÔNICA

OS SETE SACRAMENTOS
E
PRÉDICAS DE ADVERTÊNCIA

OS SETE SACRAMENTOS

Recebido pela Voz Interna por
Princesa Mary Karadja, de Locarno

PRÉDICAS DE ADVERTÊNCIA

Recebido pela Voz Interna por
Gottfried Mayerhofer

Traduzido por Yolanda Linau

Revisado por Yolanda Linau

Direitos de tradução reservados

Copyright by Yolanda Linau

UNIÃO NEOTEOSÓFICA

www.neoteosofia.org.br

Edição 2024

ÍNDICE

OS SETE SACRAMENTOS

PREFÁCIO.....	9
OS SETE SACRAMENTOS.....	11
PRIMEIRO SACRAMENTO: O BATISMO.....	21
SEGUNDO SACRAMENTO: A CRISMA.....	27
TERCEIRO SACRAMENTO: A COMUNHÃO.....	33
QUARTO SACRAMENTO: A CONFISSÃO.....	37
QUINTO SACRAMENTO: A EXTREMA-UNÇÃO.....	38
SEXTO SACRAMENTO: A ORDENAÇÃO.....	41
SÉTIMO SACRAMENTO: O MATRIMÔNIO.....	46
EPÍLOGO.....	47

PRÉDICAS DE ADVERTÊNCIA

DADOS BIOGRÁFICOS.....	52
PRÉDICAS DE ADVERTÊNCIA.....	53

Seria ilógico admitirmos que a Bíblia fosse a cristalização de todas as Revelações. Só os que se apegam à letra e desconhecem as Suas Promessas alimentam tal compreensão. Não é Ele sempre o Mesmo? “E a Palavra do Senhor veio a mim”, dizia o profeta. Hoje, o Senhor diz: “Quem quiser falar Comigo, que venha a Mim, e Eu lhe darei, no seu coração, a resposta.”

Qual traço luminoso, projeta-se o conhecimento da Voz Interna, e a revelação mais importante foi transmitida no idioma alemão durante os anos de 1840 a 1864 a um homem simples chamado Jacob Lorber. A Obra Principal, a coroação de todas as demais, é “O Grande Evangelho de João” em 11 volumes. São narrativas profundas de todas as Palavras de Jesus, os segredos de Sua Pessoa e sua Doutrina de Amor e de Fé! A Criação surge diante dos nossos olhos como um acontecimento relevante e metas de Evolução. Perguntas com relação à vida são esclarecidas neste Verbo Divino, de maneira clara e compreensível. ***Ao lado da Bíblia o mundo jamais conheceu Obra Semelhante, sendo na Alemanha considerada “Obra Cultural”.***

Obras da Nova Revelação

O Grande Evangelho de João – 11 volumes

A Criação de Deus – 3 volumes

A Infância de Jesus

O Menino Jesus no Templo

O Decálogo (Os Dez Mandamentos de Deus)

Bispo Martim

Roberto Blum – 2 volumes

A Terra e a Lua

A Mosca

Sexta-Feira da Paixão e A Caminho de Emaús

Os Sete Sacramentos e Prédicas de Advertência

Correspondência entre Jesus e Abgarus

Explicações de Textos da Escritura Sagrada

Palavras do Verbo

(incluindo: A Redenção e Epístola de Paulo à Comunidade em Laodiceia)

Mensagens do Pai

As Sete Palavras de Jesus na Cruz

(incluindo: O Ressurrecto e Judas Iscariotes)

Prédicas do Senhor

Cenas Admiráveis da Vida de Jesus – 2 volumes

Sol Natural

OS SETE SACRAMENTOS

PREFÁCIO

Esta Revelação, recebida pela princesa Mary Karadja em Locarno (Suíça), traz à humanidade um ensinamento inédito, despretenso, porém de profundo saber. O livreto chegou às nossas mãos através da Fundadora das Obras da Nova Revelação em Bietigheim, Alemanha, em 1950, sem a menor referência quanto à princesa, totalmente desconhecida, e segundo nos parece, publicou seu trabalho excepcional por conta própria.

A análise feita a cada sacramento dispensa qualquer comentário, pois não deixa a menor dúvida quanto à sua Origem Divina. O Senhor, em Sua Infinita Misericórdia, houve por bem esclarecer ao mundo um problema até hoje incompreendido e deturpado. Sua divulgação e aceitação pelos dirigentes políticos, sociais e religiosos redundaria numa transformação à última hora, pois o prenúncio de um cataclismo, no Final dos Tempos, só não atingirá os que crerem na Vida Eterna e na Salvação verdadeira pelo Cristo renascido em nós!

Rio de Janeiro, agosto de 1975

Yolanda Henriqueta Linau

OS SETE SACRAMENTOS

(iluminando sete segredos)

De acordo com a explicação ortodoxa, os sete sacramentos constituem meios de graça prescritos e indispensáveis à bem-aventurança. Eles são instrumentos da Vida Eterna, e devem transmitir aos crentes os dons internos e espirituais através de provas externas e visíveis.

Como, pois, é possível que esses Recursos Divinos, destinados a unir os membros da igreja, puderam provocar dissensões?

A resposta é simples. Os sacramentos perderam o seu significado original, desvirtuando-se em meras cerimônias rituais, impossibilitados, portanto, de transmitirem as bênçãos, motivo de sua primordial instituição. Destarte esses visíveis fracassos dão base a dúvidas sérias, quanto ao seu sentido e sua finalidade.

Durante a reforma, implantada por Lutero, cinco dos sacramentos foram simplesmente renegados como “inúteis” para a bem-aventurança da alma; se Lutero houvesse tido uma verdadeira compreensão do real significado dos sacramentos, não se teria apressado na mutilação.

Uma coisa é certa, jamais teria sido possível efetuar-se uma reforma, tampouco seria ela necessária, se a Igreja Romana ficasse no poder da Gnosis (ciência mística). O conhecimento do significado espiritual dos mistérios se denominava, na antiguidade, de *potestas clavium* (o poder das chaves). Esse poder de há muito deixou de ser herança da Igreja Romana.

Durante os primeiros séculos da era cristã, tal conhecimento ficou em mãos de diversas seitas ocultas, motivo por que foram cruelmente perseguidas pelos sacerdotes. Hoje em dia, a igreja perdeu em várias regiões o poder para impor castigos físicos àqueles que não compartilham de seus dogmas. O ódio teológico, porém, continua, tanto que se incentivam os cristãos a odiarem, condenarem e perseguirem certas opiniões livres como heresias, ou talvez como crimes políticos.

Lutero denomina todos os que duvidam do efeito do batismo aplicado em menores “demônios obsedados por outros, piores!” Tal linguagem impetuosa não influi na mentalidade atual! O espírito de intolerância desaparece pouco a pouco — e é de se esperar que em dias vindouros sejam as criaturas julgadas de acordo **com suas obras**, e não mais pela sua crença rigorosa em certos dogmas.

É de suma importância o fato de que quase todos os prosélitos, perseguidos em virtude de sua opinião divergente, eram pessoas de profunda convicção religiosa. Eis por que não se deve classificar de ateísmo o menosprezo para com rituais externos. São Irineu nos ensinou que os gnósticos declaravam como inúteis todos os sacramentos externos e materiais. Sua

única meta era a iluminação da alma! Era tudo que almejavam! Seria justo considerar tal modo de pensar como prova de especial ateísmo? Não! Os gnósticos não desprezavam a Graça Divina, em absoluto. Seria estranho que pessoas evidentemente esforçadas na conquista da Vida Eterna manifestassem desdém quanto aos meios instituídos! Que motivo teria levado o clero ortodoxo a perseguir os gnósticos? A verdadeira causa é que eles, tanto quanto os místicos, recusavam a alimentar-se de cascas. Só não as desprezavam enquanto encobriam a semente viva. (Casca é tudo que se refere à cerimônia empregada no serviço cultural). O cristão de hoje também já compreendeu que os símbolos externos se justificam enquanto transmitem a prometida Graça interna; não o fazendo, são eles apenas superstições, indignas de um raciocínio culto.

Isso não representa menosprezo pelos sacramentos. Pelo contrário, o respeito profundo pelos meios designados impõe um veto contra sua aplicação indistinta a pessoas indignas. Isso, aliás, confirma a opinião dos apóstolos da Igreja Original. É expressamente esclarecido que os símbolos externos apenas transmitem a Graça interna **aos crentes**, isto é, sendo conferidos a não crentes, os sacramentos nada mais são que provas externas, destituídas de qualquer vestígio de Graça espiritual. Eis o ponto que deu início à apostasia geral da crença católica.

Ela, a Igreja de Roma, baseia-se no princípio de que os sacramentos, de acordo com sua natureza, são mediadores da Graça de Jesus e transmitem-na à alma.

O concílio de Triente excomungava todos os que negavam serem os sacramentos Graças autônomas (*ex opere operato*). A cerimônia solene é considerada feitiço ou fórmula de conjuração, tendo como efeito resultados mágicos. O atual estado das comunidades cristãs testemunha ser a doutrina estéril e um engano lastimoso, apropriados a despertar sentimentos de suposta segurança no coração das criaturas.

Todas as igrejas reformadas afirmam ser a Graça inseparável da voluntária aceitação dos sacramentos. Naturalmente! A carência de resultados e promessas obtidas obrigam-nas a tal confissão. Mas essa afirmação não deixa de ser perigosa, uma vez que provoca as seguintes indagações: se os sacramentos são incapazes de transmitir Graças, qual sua finalidade no emprego eclesiástico? De que servem os doutos tão bem pagos, se não podem realmente ajudar às criaturas?

A compreensão da Igreja Católica em relação aos sete sacramentos é teoricamente certa; no entanto, também não demonstra vislumbre do Espírito Santo Vivificador. Se fossem dados como deveriam — em Espírito e Verdade —, incontestavelmente efetuariam uma transformação na criatura! O *ex opere operato*, o efeito mágico, só se torna patente quando o doador, compenetrado do Espírito Santo, transmite a semente viva àquele que, pleno de fé no Cristo, está em condições à mesma; pois será nulo o efeito quando se distribuírem cascas como se fossem sementes.

O NÚMERO SETE

O número exato dos sacramentos já foi repetido motivo para discussões. A Igreja Católica positiva o número “sete”, embora de há muito deixasse de saber o porquê. De acordo com o Verbo Divino, são eles:

- 1 — O Batismo
- 2 — A Crisma
- 3 — A Comunhão
- 4 — A Confissão
- 5 — A Extrema-Unção
- 6 — A Ordenação
- 7 — O Matrimônio

Sempre foram designados nessa sequência. Isso prova que já os patriarcas — tendo fixado essa ordem — eram “Iniciados” e conhecedores da razão pela qual os sacramentos deviam seguir nessa e não em outra ordem.

Considerada do ponto de vista humano, tal ordem se apresenta estranha. Por isso, Goethe sugeriu que o matrimônio deveria ser o primeiro sacramento, porquanto o nascimento do filho teria que sucedê-lo.

A Igreja Anglicana não desprezou inteiramente os “cinco sacramentos inferiores”; classificou, porém, a extrema-unção como o último. Isso parece lógico, pois se os sacramentos fossem apenas cerimônias externas, sem sentido espiritual, não haveria motivo que impedisse a classificação da ordenação e do matrimônio no final da sequência.

Entretanto, a lógica humana e a Sabedoria Divina geralmente estão em desacordo. Existem motivos concludentes para que a extrema-unção seja o quinto e o matrimônio, o último sacramento. Tais motivos serão posteriormente divulgados. Antes, porém, é preciso demonstrar que a Igreja Romana — embora possua grande mérito de ter mantido a ordem dos sacramentos — cortou-lhes o elo de ligação. Uma só pessoa não poderá receber todos eles, pois quem aceitar o sexto — a ordenação — é, ipso facto, excluído para sempre do sétimo, o matrimônio! Eis o que consegue a arbitrariedade humana!

Os sete sacramentos são degraus de uma escada invisível unindo Céu e Terra; todos eles são necessários, não se podendo omitir um sequer, sem se arcar com as consequências. Se se tirasse um anel de uma corrente, ela não mais completaria sua finalidade. O simples fato da manutenção fiel dos sacramentos não deixa de constituir uma honra para a Igreja Católica. Os reformadores se desfizeram dos mistérios, porquanto nada entendiam, provocando uma ruína no conhecimento da evolução espiritual.

Com referência aos sacramentos, o arcebispo Cramer errou ao afirmar não haver motivo básico para declarar o número sete como exato.

O conhecimento sistemático dos estados evolutivos progressivos foi o grande segredo revelado nos velhos mistérios. Os sete sacramentos são degraus da escada mística vista em sonho pelo patriarca Jacob.

Tal escada era bem conhecida pelos iniciadores do Egito, México, Índia, Pérsia e Grécia. Para os egípcios, o Salvador — Hórus —, nascido da virgem, era conhecido sob o título: Tep-F-Xet, isto é, Senhor da escada. Encontramos esse símbolo, a escada, tanto no culto de Mitra (deus ariano da luz, combatente das trevas), quanto na Fonte da Vida, na Grande Pirâmide, sendo sete o número dos degraus.

O reverendo J. Oliver, Washington, explica que a escada com os sete degraus é designada nos mistérios hindus como a aproximação da alma à perfeição. Humboldt diz em seu livro “Pesquisas na América” o seguinte: A subida ao cume da montanha paradisíaca de Deus, por meio de uma pirâmide de sete degraus, era um hábito antigo nos incas, muito antes que Jacob recebesse aquela visão.

Como nenhum dos reformadores possuísse uma compreensão exata do sentido espiritual das pirâmides, nem dos sacramentos, mantiveram apenas dois, rejeitando o resto. No catecismo luterano, eles são mencionados. A Igreja Anglicana, não agindo tão radicalmente, acentua a importância do batismo e da comunhão, declarando serem os restantes “sacramentos de menos importância”. Basta imaginar-se uma escada na qual apenas estejam intactos o primeiro e o terceiro degraus: como se poderia estabelecer uma ponte sobre o abismo entre Céu e Terra? Na doutrina católica, todos os degraus estão incólumes; a escada, porém, acha-se ao rés do chão e enquanto assim permanecer, não poderá ser usada. Possa o espírito da Verdade iluminar finalmente os guias, despertando

em seus corações a boa vontade, para fazerem com que ela seja erguida para o Céu.

Após esse preâmbulo, vamos analisar o sentido original dos sacramentos. A palavra *sacramentum* é tradução latina do grego *mysterion* e significa: segredo. Esse segredo era o conhecimento da Grande Verdade Central, contida nos antigos mistérios da Verdade essencial como base de todas as religiões, mesmo as distantes de merecer tal denominação.

Renascimento — é a preciosa semente maravilhosa oculta nas cascas das cerimônias públicas. Renascimento é uma palavra familiarizada a todos os cristãos; no entanto, muito poucos compreendem seu sentido, pois tornou-se expressão corriqueira no vocabulário religioso. Nos primórdios, o drama da salvação nela se concretizava.

Analisemos, pois, seu significado. O homem é qual solo em que é depositada a semente viva do Verbo de Deus. O renascimento é o processo oculto do gérmen na terra e seu crescimento para a realidade sublime. O homem representa — tal como Deus — uma trindade constituída de pensar, sentir e querer (espírito, alma e corpo).

Quando os pensamentos trevosos do não renascido se juntam aos sentimentos impuros, geram uma vontade que contém, desde o início, o gérmen do mal e da morte.

A libertação só poderá advir pela destruição da vontade maldosa, através da compenetração da força do bem.

De cada vez que o Cristo, no coração do homem, renasce, o coro invisível entoar: “Paz na Terra àqueles de boa vontade!”

Pela porta do humilde conhecimento de sermos pecadores, chegamos ao caminho das Palavras do Salvador, recebemos o auxílio das forças do bem, para nossa boa vontade; libertamo-nos das algemas e paixões, alcançando a paz. Através da criação da boa vontade no homem, revela-se o Emmanuel. Tal nome significa: Deus está conosco!

No estado atual da humanidade, o cérebro não é capaz de produzir algo imortal; no entanto, o coração purificado tem sempre capacidade de criar o que é Divino. É preciso, porém, que o coração pouco a pouco se torne virgem, a fim de poder reter um Pensamento Divino, Pensamento Fecundo que fará surgir um rebento Imaculado. O cérebro humano só pode — como José — ser pai de criação. É sua tarefa proteger e criar o filho celestialmente concebido. As faculdades racionais não conseguem produzir uma vontade absolutamente boa, o que também não lhes cabe; o que não devem é impedir a Vontade do Senhor dentro da criatura, quando despertada pela Graça do Espírito Santo.

Eis em poucas palavras o sentido intrínseco dos grandes mistérios do Renascimento e da Imaculada Concepção, que deram motivo a polêmicas intermináveis, enquanto se atribuía sua origem apenas a fatos históricos.

O SENTIDO

A encarnação do “ego” Divino no homem é o primeiro degrau da escada celeste; a re-união com Deus, o último.

O Batismo — pelo Espírito Santo corresponde ao nascimento do Cristo dentro da alma.

A Crisma — é o cumprimento com o conhecimento.

A Comunhão — corresponde à revivificação das forças Divinas por alimento espiritual.

A Confissão — é a luta do novo espírito do homem com o velho Adam.

A Extrema-Unção — é a final vitória sobre a matéria.

A Ordenação — é a convocação pela Voz Divina.

O Matrimônio — é a união indissolúvel do Espírito Divino com a alma humana.

Vamos agora analisar os degraus evolutivos.

PRIMEIRO SACRAMENTO O BATISMO

O primeiro sacramento é o batismo, do qual nenhum dos verdadeiros místicos teria a ideia de negar a utilidade. Nós, porém, queremos positivar que o valor do mesmo baseia-se unicamente na fé elucidada de quem o recebe. O Senhor incumbiu os discípulos de ligarem a Doutrina ao batismo; no entanto, restringiu o sacramento apenas àqueles que estavam informados. Os apóstolos batizavam somente os que acreditavam em **Jesus**. Se o batismo não for ligado a uma transformação moral e psíquica, torna-se apenas uma cerimônia. Infelizmente, é um fato real que a maioria dos batizados nunca passa pela transformação, ou seja, pelo renascimento, pois continuam a ser, em verdade, não renascidos. Milhares de crianças se tornam adultos sem terem tido o menor proveito do batismo. Alega a igreja que por essa cerimônia se transmite um estigma especial à alma, o que diferencia os cristãos dos demais. Será possível provar essa afirmação? Parece-nos que, não obstante o batismo, os hábitos em certos países são extremamente pagãos, pois não impedem que certos indivíduos se tornem criminosos. Tal seria impossível se tivesse ocorrido o renascimento, ou a alma tivesse recebido um cunho especial de santificação. Como se poderá afirmar que as crianças batizadas se distinguem das pagãs? Teria uma formalidade oca o poder de transformar criaturas em filhos adotivos de Deus? É-se obrigado a acreditar em tal contrassenso.

A cerimônia do batismo é classificada como a época da semeadura do progresso espiritual. Seria interessante saber se o Criador se torna padrao de todos aqueles povos que ignoram o batismo com água, em crianças inconscientes. Seria Deus realmente tão injusto em abster-Se da distribuição da semente santificada no coração dos pagãos à procura da Verdade, somente porque amam e honram a Divindade sobre outro nome? Por certo o Espírito Santo conduz a evolução de cada alma sedenta e faminta pela Justiça Celeste, sejam as circunstâncias quais forem.

Religião não é questão de geografia. Um cristão imoral está mais afastado do coração de Deus que um virtuoso hindu ou maometano. Não existe aliança especial que assegure ao cristão prerrogativas imerecidas.

O batismo foi instituído para a libertação do pecado; como, porém, será possível tal resultado extraordinário sem a colaboração consciente do batizado? A renovação completa da natureza moral não pode ser conseguida na criança, e sim no adulto. Não se consegue constatar a menor modificação das tendências após o batismo. Como, portanto, os bons efeitos não se apresentam, tornando-se evidente que a igreja divulga coisas vãs, é ela obrigada a declarar que todos os batizados, embora não sejam pessoalmente santificados, possuem uma santidade relativa por se terem tornado membros da Igreja “Santa”.

A Igreja Invisível — o Reino de Deus de Amor — é realmente Santa; acontece, porém, que as criaturas não renascidas

não fazem parte da mesma. Ramos secos provam, nitidamente, não estarem numa ligação com a boa videira. O batismo aplicado a crianças inconscientes outorga-lhes privilégios duvidosos de participação na igreja, o que perfaz a cristandade oficial.

É difícil de se encontrar um criminoso na Europa que não seja batizado — com exceção dos judeus —, e toda escória é admitida pela igreja para receber os sacramentos.

Uma coisa está comprovada: a Igreja Original sempre ligou o batismo ao renascimento; e por tal sacramento a graça não só foi prometida, como também transmitida. A atual superestimação da casca torna-se desastrosa à vida do espírito.

Há anos contou-se uma anedota que demonstra a que enganos a ignorância e o fanatismo levam as pessoas, mesmo as bem-intencionadas. Um certo missionário católico, na China, alegrava os corações de seus superiores com relatos calorosos a respeito de êxitos brilhantes, que coroaram seus esforços para levar ao batismo milhares de criaturas chinesas. Para esse fim, era necessário o envio de capitais, que prontamente registravam novas conversões. Em breve, verificou-se ser preciso a ajuda de um segundo missionário, que ao chegar, pediu fosse reunida a comunidade. Com certo embaraço, o colega declarou estarem todos mortos. Todos? Por quê?! Havia irrompido uma epidemia? Ou um massacre? Oh, não! A coisa era mais simples, embora surpreendente: na China geralmente se matavam as crianças do sexo feminino! O bom padre, horrorizado com a ideia de que esses pequenos pagãos

deveriam ir para o inferno, procurou o direito de batizá-los, mediante pagamento de alguns centavos por cabeça. Antes de fazê-los afogar, numa cerimônia solene, os pobrezinhos eram aceitos na santa Igreja Católica, assegurando-se, assim, a sua bem-aventurança eterna. A salvação de almas por esse preço era, por certo, um bom emprego de capital.

Que compreensão estranha deveriam ter tais fanáticos de Deus, cujos atributos são Justiça e Graça! Como se pode conceber que uma criatura de bom senso possa acreditar que o gasto de uma ninharia tenha o poder de influenciar eternamente o destino da alma humana?!

Santo Agostinho defendia o parecer de que todas as crianças não batizadas eram entregues à eterna condenação. Na Santa Escritura lê-se: “Seremos salvos pelo banho do renascimento!” (Tito 3, 5). Essas palavras, porém, não significam serem condenados milhares que não foram salvos por esse meio. A única coisa que poderia nos salvar de uma reencarnação forçada na matéria seria o renascimento espiritual. Os métodos de ensino do Pai Celeste são cheios de sabedoria e benignidade, e aqueles que deixaram de conhecer a razão de sua existência não serão condenados e nem castigados eternamente. Terão apenas o dever de enfrentar de novo essa tarefa, porém em circunstâncias cada vez mais penosas, até interpretarem o sentido de “liberdade” como obrigação de fazerem o bem ao próximo.

A primeira lição a ser assimilada na Terra consiste na sujeição total à Vontade Divina. Cada alma que afirmar nas

horas de maiores sofrimentos: “Tua vontade se faça!”, unindo a ação às palavras, será renascida. A parte mais difícil de sua educação espiritual estará concluída; terá galgado o primeiro degrau da escada evolutiva — e as mãos invisíveis dos protetores estarão sempre prontas a favorecer-lhe a ascensão, até que alcance a perfeição máxima, quando então estará amadurecida para a imortalidade. Só assim se dará o ato maravilhoso do batismo espiritual, que confere ao homem o cunho da filiação divina. Isso nada tem a ver com cerimônias; no entanto, aquele que passar por tal batismo poderá testificá-lo! As testemunhas desse ato não são de natureza humana, mas seres de natureza muito mais elevada. Quando o “filho de Deus”, renascido no coração, tenciona caminhar sem dificuldades, necessita proteção e auxílio de outros mais fortes. Terá dois anjos protetores ou “guias” que o vigiarão, representando as testemunhas do batismo¹.

A alma renascida jamais é entregue a si mesma, será constantemente vigiada e protegida pelos guias invisíveis até ter alcançado a medida completa da idade do “Cristo”. (Eph. 4, 13).

Essa instituição maravilhosa desvirtuou-se em mera farsa; os padrinhos devem assumir o compromisso de que a criança batizada cumprirá fielmente o contrato firmado, sem que

1. Esses guias são espíritos afins e muitas vezes escolhidos por Deus para tal finalidade. Só então os padrinhos são desobrigados do seu zelo, pois a alma que inicia a comunhão pessoal com o Salvador dispensa guias.

previamente seja consultada. Prometem cuidar da educação cristã de seu afilhado, por acaso cumprem tal promessa?

Raramente podem facultar ensino religioso ao afilhado, e mesmo que o quisessem, os pais haveriam de obstar toda e qualquer tentativa nesse sentido, como intromissão indesejável na educação do filho. Exige-se deles apenas um bonito presente! Qual a função que cabe a Jesus nesse ato?

A Igreja Protestante, que reprovou — numa ignorância sem par — a doutrina reencarnacionista, acha-se num grande dilema, pois tem dois caminhos a seguir: salvação ou condenação! É óbvio: quem não for salvo pela fé **sem as obras de caridade** terá que aguardar o inferno e a condenação eterna! Observem, porém, a astúcia sacerdotal: como não foi possível conseguir o batismo espiritual, os escribas engendraram outro meio para escapar à condenação — o ato batismal, ou seja, a cerimônia externa do batismo!

Como o número das criaturas verdadeiramente renascidas é reduzido, isto é, não são numerosos os que vivem de acordo com a Ordem Divina pela prática do amor ao próximo, os demais que ainda não conseguiram essa Ordem deveriam, a fim de salvar suas almas, envidar esforços para comprarem o Céu a preço módico, pelo batismo externo aplicado indistintamente a todos.

Basta se imaginar uma escola na qual os infelizes alunos tivessem a possibilidade de escolher entre duas coisas impossíveis: enfrentar, sem preparo suficiente, um exame rigoroso, que ultrapassaria suas faculdades morais e espirituais, ou en-

tão marchar para a reprovação, isto é, a condenação eterna, ficando excluídos, portanto, da Graça do Salvador.

As confissões ortodoxas não dão outra escolha a seus crentes. Uma igreja que ensina terem as cerimônias vãs o poder de proporcionar bênçãos celestes é semelhante a um impostor que persuade os alunos de uma possível aprovação por engenhoso embuste. Tais métodos educativos não deixam de apresentar resultados insatisfatórios, porquanto não só in-centivam o hábito da mentira, como também o desleixo pela ação mais importante na vida da criatura: o desenvolvimento do germen Divino. Tal desenvolvimento, porém, só se efetua quando o aflito desfruta o auxílio de Deus, praticando a caridade até com a oferta do último pedaço de pão, certo de que o Pai a ninguém abandona, pois Ele é a própria Vida! Por isso é indispensável o renascimento pelo Amor, enquanto o uso de água e fórmulas vãs não tem significado!

Vamos, agora, ao segundo sacramento.

SEGUNDO SACRAMENTO A CRISMA

A crisma — a confirmação — é o início da ação independente do ser batizado, após certa época de ensino ministrado pelos dois anjos. Ela traduz o momento em que o jovem “Cristo”, o novo filho de Deus, tem que se consolidar, provando não mais abusar da liberdade que lhe assiste, pois se firma no poder da fé, que aplicará quando necessário. Terá

que testemunhar seu zelo pelos pobres e necessitados de livre vontade, pois não mais vive para si, mas para o serviço Divino. Demonstrará se realmente é testemunha sincera do Pai, porquanto a crisma torna a criatura dotada de fé um combatente das fileiras celestes.

A igreja declara que batismo e crisma só podem ser recebidos uma vez na vida, pois apõe na alma um cunho indelével. Esse pormenor é insofismável em se tratando do batismo espiritual, jamais podendo ser extorquido da crisma Celeste verdadeira. Aprofundando-nos nas verdadeiras testemunhas de Jehovah, percebemos os dons do Espírito Divino, pois os frutos que apresentam são idênticos aos dos apóstolos e dos mártires da jovem cristandade.

Esses dons, descritos no 12º capítulo da Primeira Carta aos Coríntios, em absoluto são “milagrosos”, apenas provam o natural florescer do espírito. Capacidades espirituais ocultas se manifestam quando a criatura aceita a crisma. Tampouco é milagroso o fato de a glândula do carvalho surgir da terra para se desenvolver em árvore frondosa, embora permaneça oculta até o momento em que os efeitos da umidade e do calor, em conjunto, forçam a semente a se desenvolver.

Umidade e calor, indispensáveis à vida vegetal, são o polo oposto da água e do Espírito — psique ou Centelha Divina —, os grandes mediadores do renascimento, conforme foi dito por Jesus a Nicodemus: “Em verdade te digo, não poderás entrar no Reino do Céu, a não ser que renasças pela água e pelo Espírito”. (João 3, 5).

A água simbólica do batismo incita a Semente Divina a germinar no coração da criatura. O misterioso apor das mãos, usado durante o batismo, tem o efeito dos raios solares, condutores do calor.

Enquanto a semente no solo não for obrigada ao desenvolvimento pelo calor e a “água viva”, ser-lhe-á impossível romper sua escura prisão; pelo efeito do batismo o jovem vegetal surge atraído pelo éter.

A evolução e ascensão do homem, da Terra ao Céu, dá-se de modo idêntico. O germinar do Divino se passa invisível aos olhos — no fundo do coração. Dia, porém, chegará no qual o Cristo, a Grande Luz oculta sob o alqueire da matéria, romperá a casca rija que O algemara, para a consciência radiosa de suas faculdades e para as esferas mais elevadas da vida. Um mundo novo lhe descortina sua Glória! A criatura renascida vê, ouve e sente com sentidos inteiramente novos. Sua percepção é mais apurada e nitidamente registra elementos que antes não percebia.

As dádivas do Espírito Santo de forma alguma são sobrenaturais, a não ser que se classifique de sobrenatural tudo que se eleva sobre a natureza. Elas fazem parte da herança dos filhos de Deus, são reservadas àqueles super-homens conscientes das palavras de Jesus: “Sem Mim nada podeis fazer”.

Isso provoca a humildade profunda dos que possuem “o Poder de Deus”! Sabem também que a carne contém elementos nocivos, por isso não lhes seguem as tendências, passam a ignorá-las, atendendo conscientemente às insuflações do Espírito Santo.

O homem não renascido acha-se nas trevas, pois tem a consciência aprisionada à matéria; os cinco sentidos são os únicos meios que o assistem. Infelizmente, transmitem apenas impressões do mundo material. Um leve pressentimento, no entanto, uma precisão de fato, desperta até o mais enraigado materialista para o “sexto sentido” oculto no subconsciente, que poderia ser denominado a consciência do “Todo”, porquanto por ele tudo se torna perceptível quando se aprende a lhe prestar atenção.

Houve consideráveis pesquisas em meio às igrejas quanto às “Dádivas do Espírito Santo”, mencionadas na Primeira Carta aos Coríntios 13, 1–2. Presume a igreja que esses dons tenham sido distribuídos durante os primeiros séculos da era Cristá, como se Deus fosse limitado ao tempo. Considerava-se desaparecido o dom de expressar-se em idiomas variados. Isso por não se entender o que fosse políglotismo, julgando-o uma externalização involuntária de sons sem nexos. Tal interpretação levava seguidamente ao delírio religioso, que expressava cadências de sons inexpressivos. Não era, portanto, de se estranhar que a igreja considerasse o políglotismo como algo de inferior; a não ser que a interpretação o acompanhasse, o que competia geralmente a outrem. Nunca teve o Espírito Santo a incumbência de entender baboseiras.

É de lastimar a ignorância de povos modernos a respeito das Dádivas do Espírito Santo; pior, no entanto, é a falsa compreensão de criaturas inteligentes, que tomam os discursos mentirosos pela maravilhosa capacidade do “falar em mis-

térios”. Por certo o Espírito Santo conterà algo de mais sábio, que representa a máxima consciência e concentração dos Sete Espíritos de Deus. O poliglotismo é de valor imenso, pois revela a verdade oculta das parábolas, explicando verdades eternas através do tênue véu da comparação poética.

O fato de os apóstolos possuírem a faculdade de falar um idioma qualquer após o espargir do Espírito Santo é inegável. Isso somente se dava se houvesse, no local, pessoas que os entendessem, a fim de lhes testemunhar o Evangelho do Senhor e Salvador (Atos, capítulo 2, 6–12).

É realmente maravilhoso que a mesma fonte tenha originado tanto o mistério quanto a solução, sendo o método empregado o complemento recíproco pelo espírito.

O significado literal das alegorias é geralmente de uma simplicidade ingênua, compreensível ao intelecto mais fraco, entretanto sumamente sábio por tal motivo. Sob a superfície despreziosa, jazem ocultos valores e belezas infinitas. Ficam elas nesse estado até a hora determinada por Deus. Só então levanta-se o véu, e o dom da interpretação é conferido a alguns servos ou profetas, o que torna o segredo, oculto por séculos, posse comum.

O outorgar de dons espirituais acompanha o verdadeiro ato do segundo sacramento. Os mistérios e milagres da era apostólica foram verdadeiramente necessários à Igreja de Deus, a qual conserva esse cunho até hoje, porquanto classifica como renascida a criatura que realmente sentiu e passou pelo batismo do Espírito.

Aqueles cristãos que não apresentam dons do Espírito Santo ainda não são crismados! O embaraço dos sacerdotes cristãos será grande — pois julgam ter recebido por Deus o sacramento da Ordenação — se no Dia do Juízo Final apresentarem milhares de chamados cristãos, crentes de terem sido aceitos na verdadeira Igreja do Cristo, porque se espargiu água e palavras ocas por sobre suas cabeças. Quando reconhecerem essa fraude colossal haverá “clamor e ranger de dentes”, e o Espírito da Verdade dirá com rigor: “Afastai-vos, pois não vos conheço!”

Apenas é cristão aquele que se esforça por imitar a vida de Cristo, através da renúncia e da prática do amor ao próximo. Em verdade, milhões de chamados “pagãos” são membros da Igreja Invisível. Possivelmente, nunca ouviram o Nome de Jesus em vida, mas a Semente Divina do Bem e da Caridade se desenvolveu neles em um fruto maravilhoso. Mãos angelicais os batizaram com as lágrimas vertidas em silêncio, por misericórdia e compaixão; padrinhos invisíveis reconduziram ao Pai sua evolução espiritual, tanto que tais pagãos desprezados conseguiram se tornar filhos de Deus. É inominável presunção o fato de os cristãos aparentes afirmarem que somente a inclusão na igreja confira aos homens o direito de entrada nos Céus. Nenhuma igreja ou seita possui o monopólio da bem-aventurança! E a verdadeira Igreja de Cristo ainda não existe! Ou haverá alguém que afirme possuímos o Reino Milenar da Paz sobre a Terra, se disse Jesus: “Meu Reino não é deste mundo!”?

TERCEIRO SACRAMENTO A COMUNHÃO

A igreja afirma ter sido a “Santa Comunhão” instituída por Jesus Cristo. Fato indiscutível, no entanto, e comprovado pelas descobertas da arqueologia, é que tal segredo haja sido usado vários mil anos antes de Cristo. Encontra-se vestígio desse sacramento no México, Índia, Grécia e Egito, pois que ritos acompanhados de pão e vinho desempenham um papel importante em todos os antigos mistérios. A ideia de um alimento celeste, pelo qual as criaturas se tornassem divinas, é de origem primitiva. O sentido desse símbolo é evidente: os sacerdotes da Cabala bem conheciam o “Maná Espiritual” e o “Espírito da Vida”.

Nos hinos vedantas, os adoradores exclamam: “Sorvemos o Soma, tornamo-nos imortais, penetrando na Luz e reconhecendo o Divino”.

No Livro dos Mortos do Egito, usado durante as grandes consagrações, fala-se do “alimento dos deuses por detrás da Luz”. O neófito diz: “Meu pão é alvo, minha bebida vermelha; sorvo-a debaixo das duas árvores que conheço”. As duas árvores mencionadas são a videira e a figueira, símbolos de Nosso Senhor.

Numa das antigas Santas Escrituras do Oriente, no “Livro de Adam e Eva”, traduzido do etiópico pelo Rev. S. C. Malan, encontramos a seguinte passagem: “Adam e Eva depositaram uma oferenda de pão sobre o altar. E Deus disse: ‘Esta oferenda que Me trouxestes deverá representar Minha Carne’. E o Espírito Santo desceu sobre a oferenda.”

Mais adiante fala-se que Sem, filho de Noé, preparara pão e vinho, dizendo: “Cultuai esta ceia em segredo”.

Melquisedeque, Rei de Salém, tomou doze pedras, nelas depositando uma oferenda igual; quando celebrou a Ceia Divina, ofertou a Abraão um cálice de vinho e um pedaço de pão.

À vista de tal conhecimento não é viável que a igreja declare ter sido a comunhão instituída por Jesus. Foi provado que esse símbolo foi criado pelo Cristo preexistente, isto é, pelo Deus Vivo, do Qual Jesus foi apenas a encarnação temporária.

De acordo com as igrejas, a grandiosa meta se concretiza na salvação. Mas que vem a ser salvação senão a imortalização da alma? Tal, porém, não impede a criatura tornar-se egoística, pois essa tendência é o grande empecilho da união com Deus, e não poderá ser exterminada pelo esforço contínuo na conquista de vantagens espirituais em seu próprio benefício. De modo idêntico, a renúncia de prazeres efêmeros a fim de colher um prêmio Celeste tem o cunho mundano de negociatas judaicas! Tais negócios não levam ao Céu! É ele o chamado “beato”, que ostenta religião e ascese com o fito de angariar dons espirituais, age qual avaro e só obtém resultados negativos, porquanto seu esforço não se baseia no altruísmo, mas na ambição. O cristão que espera vantagens pessoais como prêmio de suas virtudes não está devidamente evoluído para que mereça participar da comunhão. Tampouco o conseguirá o leviano, que desperdiça seus dons espirituais pelo abuso dos prazeres que a vida lhe faculta, perdendo assim o seu direito primogênito.

Esse sacramento se baseia no sagrado princípio da igualdade e união, e só pode dele compartilhar, merecendo-o em Espírito e Verdade, aquele que se sente unido humildemente a todas as criaturas. As palavras: “Deus não quer a morte do pecador, mas sim que se converta e viva” servem para todos e não apenas para os que se julgam escolhidos por Sua Benevolência. Ele deseja a salvação da humanidade, e quem colabora solidariamente com os mais simples desta Terra será solidário com os que mais se aproximaram de Deus pela humildade e amor.

Eis o maravilhoso privilégio do renascido ao contribuir com Deus no aperfeiçoamento desta grande Obra de Amor! Quando tivermos galgado pacientemente a escada que conduz às Portas do Céu, teremos de suprimir o desejo de ali penetrar; retrocederemos, sim, às esferas inferiores, na tentativa de conquistar os filhos de nosso Pai Celeste, socorrendo aqueles afastados da Pátria Divina com palavras de consolo, coragem e fé, suportando e amparando os fracos.

A expressão mística “repousar debaixo do altar” (Apocalipse 6, 9) refere-se ao grande fato de que os primeiros, que se consagraram à Vinha do Senhor, trabalharão até que a colheita seja guardada. Quem acha a Paz em Deus repousa Nele! Do mesmo modo, os colaboradores repousam no Pai, trabalhando, ao mesmo tempo, no mundo. Nenhum que houvesse conseguido ingresso no altar das Alegrias Celestes poderia ficar inerte ante o quadro do sofrimento de milhões de seus irmãos, que se acham espiritualmente nas trevas, ignorando a

razão de sua vida e o caminho para a Filiação Divina. Eis por que os primeiros serão os últimos!

Aquelas almas, admitidas na comunhão com Deus, ofertam com alegria seus privilégios espirituais, a fim de colaborarem no Plano da Salvação.

Na escada mística de Jacob, os anjos desciam e subiam, pois sua incumbência era servir às almas menos evoluídas. Todas as que se elevaram à Presença Divina descerão de livre vontade como precursoras e testemunhas. Como, porém, boa vontade e paz marcham lado a lado, os que trabalham em benefício de outrem já repousam em Deus. Quem repousa debaixo do altar recebe por alimento Celeste a Ceia Divina, facultada aos que realizam a Vontade do Pai (João 4, 34). Por Sua Vontade ninguém deve perecer. Eis por que não se deve amarrar a boca do boi, pois o trabalhador da Vinha do Senhor não necessita se preocupar com seu sustento; Deus o proverá.

O Reino do Céu, da Paz, não poderá vir antes de termos recolhido as ovelhas perdidas, motivo por que devemos nos apressar.

No sacramento do altar encontramos a parábola da árvore que produz a Semente Divina em seu fruto; assim também todo homem renascido gera a semente e o fruto do Bem.

Pão e Vinho são alimentos conservadores da vida terrena; o Sangue do Cristo é o fluido vital do Espírito Santo, facultando alimento a todos os membros da Igreja Invisível, pois “Vivemos e agimos por Ele!”

O Pão e o Vinho derivam do reino efêmero da matéria. A Carne e o Sangue místicos do Cristo pertencem ao Reino

do Eterno. Através da comunhão, a alma renascida alcança a capacidade de assimilar o alimento diretamente das esferas celestes. Segundo a igreja, o escasso alimento espiritual, contido nas suas profissões de fé, nos dogmas e na fatuidade teológica, torna-se numa bebida indestrutível e fonte da Verdade e num alimento do Verbo Vivo — o Maná Celeste.

A plenitude da Graça, conferida pelos sacramentos do altar, desperta um sentimento de indignidade na alma: torna-a consciente da necessidade da Confissão.

QUARTO SACRAMENTO A CONFISSÃO

Um mendigo convidado à mesa de um rei poderá esquecer, no início, pela alegria e agitação, o estado miserável de sua alma; durante a caminhada de sua evolução desperta a necessidade do sacramento da confissão e de uma veste limpa.

Quem verdadeiramente se compenetra da comunhão torna-se cômico de seus pecados, pois a beleza imaculada do ideal humano força a alma a meditar sobre suas fraquezas.

Todos os pensamentos, palavras e ações da vida passada são contidos em nossa aura, e o momento em que enfrentamos esses registros psíquicos é horrendo, mesmo para aqueles que, mundanamente, tenham levado vida abstinência. Todos nós teremos de enfrentar esse quadro após a morte. Aqueles, porém, admitidos na grande Iniciação, passam por essa prova de fogo enquanto ainda vivos. Numa profunda meditação,

veem na inclemente Luz da Verdade todo seu passado, clamando intimamente constrangidos: “Montanhas, caí sobre nós!” Durante a prova de fogo a alma enfrenta, face a face, o acusador, aquele ser tremendo, várias vezes mencionado na Bíblia. Num quadro da antiguidade egípcia, representando o julgamento de Osíris, o acusador tem a forma de uma esfinge com cabeça de crocodilo. Preside ele a cerimônia, na qual o coração humano é levado à balança da lei Divina. Nenhum de nós poderia fazer pender o fiel para o lado da **Justiça**, se não pudéssemos contar com a **Graça**, equilibrando as falhas. Criatura alguma poderá passar vitoriosamente pela prova de fogo enquanto não se tiver unido ao Salvador, pois “o Sangue do Cristo apaga todos os pecados!”

A consciência viva de sua faltas torna o homem seu próprio e mais severo juiz. O culpado sabe que existem fatos em sua vida pelos quais jamais se perdoará, embora seja possível o perdão de Deus e do próximo. O castigo para o pecado é a morte... Na dor da contrição, a alma arrependida pede para ser exterminada das fileiras dos vivos, e nesse grau de evolução recebe ela a Extrema-Unção.

QUINTO SACRAMENTO A EXTREMA-UNÇÃO

A Igreja Católica não confere esse sacramento antes de se extinguirem todas as esperanças de cura. No último momento, é ele concedido a todos os fiéis — homens, mulhe-

res e crianças, geralmente após terem perdido a consciência. Uma cerimônia efetuada em um corpo insensível não pode influenciar beneficemente na alma, desprendida do corpo. Essa celebração, porém, impressiona os familiares entristecidos, transmitindo-lhes certa tranquilidade. Parecem acreditar que a unção tenha um poder mágico, de grande ajuda à alma no purgatório. Mesmo os que a têm como simples credence não haveriam de querer tirar-lhes essa ilusão!

Preces caridosas poderão socorrer a alma na hora da morte, enquanto que práticas rituais, efetuadas por estranhos em troca de pagamentos..., de nada servem ao moribundo.

O óleo ou “crisma”, com que o enfermo é ungido conforme consta no Evangelho, é símbolo de **Paz**, da qual também a boa vontade é inseparável, pois se não for desenvolvida durante a existência não poderá haver paz no Além. A alma terá de sofrer — não como exigência vingativa de um Deus rancoroso — mas pela razão de ser o sofrimento o grande poder purificador. Teremos que ser lavados pela dor e o arrependimento. A alma não sofrerá nem mais nem menos, tanto aqui quanto no Além, o imprescindivelmente necessário para sua purificação. Criaturas que tentam fugir à dor assemelham-se a crianças malcriadas, que se esquivam do banho. Não é aconselhável que se deseje encurtar as penas do “purgatório”, pois os detritos devem ser destruídos pelas chamas caso o metal nobre deva ser puro. No momento em que se manifesta algo de tenaz na criatura, seu amor é impedido de uma externalização, o que produz detritos, e uma vez solidificados será mister

um intenso fogo de dores para dissolvê-los. Geralmente esse processo doloroso de purificação se dá após a morte; as almas abençoadas, porém, as convocadas, sentem-no em vida. Pecamos a Deus que não espere nos purificar depois de nossa enfermidade psíquica já se ter positivado num câncer do corpo, mas sim que nos envie as dores tão logo nossa vontade se manifeste maldosa. É privilégio das almas esforçadas galgarem a escada de ascensão ao Céu, penetrando na fornalha do sofrimento enquanto na Terra. E, vede: quando as criaturas estiverem compenetradas do Amor Divino — ao invés do amor-próprio — o fogo e o calor não lhes poderão prejudicar, mesmo estando a fornalha aquecida por sete vezes.

A descida voluntária ao Hades — inferno da mitologia grega — foi o ponto central dos velhos místicos, e cada iniciado tinha de atravessar a câmara da prova de fogo². Eis por que o sacramento da extrema-unção não poderá ser concedido a fracassados, levados, embora involuntariamente, à margem das trevas, mas sim às almas verdadeiramente fortes, renunciantes dos prazeres mundanos, que corajosas desafiaram o “último inimigo”, pois caminhavam de mãos dadas com o Senhor.

Glória àqueles capazes de renunciar a tudo o que lhes é afim e de se dirigirem ao deserto, para lá vencerem fome e sede, frio e pavor, incredulidade e fraqueza, caminhando qual

2. E os três dias nas trevas correspondem à descida de Jesus ao Vale da Sombra da Morte.

guias de outras almas, como filhos de Deus, embora de vestes despretensiosas, deixando um rasto de bênçãos.

A alma que galga cinco degraus da escada celeste não olha para trás com pesar, pois não tem o menor desejo de permanecer nas esferas inferiores, aceitando com a mesma submissão vida ou morte.

Por que razão nos agarramos tão desesperadamente à posse do corpo físico? Torna-se mister a conquista de um mais glorioso, o do espírito, apenas alcançado pela renúncia. Pela tríplice renúncia do corpo, mente e alma, prontificamo-nos para receber o sexto sacramento.

SEXTO SACRAMENTO A ORDENAÇÃO

Antes que começasse a pregar, Jonas permaneceu três dias no ventre do monstro marinho. De modo idêntico, a alma tem de morrer para as coisas terrenas antes que possa receber o sacramento da ordenação.

A Igreja Católica afirma não haver ofício tão elevado sobre a Terra como o do sacerdote, e de acordo com São Crisóstomo, a dignidade sacerdotal é mais sublime que a de imperadores e reis. São Bernardo até assegura: a dignidade sacerdotal é maior do que a dos anjos.

Tais afirmações, soberbas, são justificadas quando conferidas à entidade semidivina, a qual, após ter galgado a escada evolutiva, foi ungiada pelo grande guia da Igreja Invisível. A

pessoa que recebe em verdade o sacramento da ordenação reúne o ofício.

É impossível alcançar posição mais elevada. A afirmação presunçosa por parte dos dignitários eclesiásticos é um tanto ridícula, quando aplicada ao grande número de senhores que escolheram tal profissão por motivos práticos. O clero — conforme é instituído pelas igrejas oficializadas — nada tem a ver com o sexto sacramento. É apenas um conluio inteligentemente engendrado por potências oponentes.

Constitui dever profissional do sacerdote explicar o Verbo Divino às massas. Como, porém, poderá ser ministrado em verdade por criaturas que somente conhecem e compreendem o sentido literal? Existem poucos sacerdotes que realmente passaram pelo batismo espiritual, tornando-se, destarte, mediadores da Graça; a maioria o pratica inversamente, isto é, transforma pão em pedra. A verdadeira religião é por eles deturpada numa teologia indigesta e na construção de templos de pedra, com imagens modeladas por mãos humanas.

Além disso, o privilégio desse sacramento para o sexo masculino constitui uma ofensa imerecida ao sexo oposto, pois devemos desenvolver para um povo de sacerdotes e sacerdotisas. A sublime tarefa da polaridade psíquica, tanto no macrocosmos quanto no microcosmos, jamais poderá ser preenchida por homens. Entretanto, a mulher apenas visa masculinizar sua obrigação, ao invés de sublimar suas tendências psíquicas, prêmio daquelas que se tornaram re-

almente sacerdotisas espirituais do amor ao próximo, sem afetação social.

Agora que se começa a reconhecer a grande verdade de que Deus não só é nosso Pai, mas também nossa Mãe, a diversidade de sexo não poderá continuar a ser empecilho irremovível, excluindo metade da humanidade do sexto sacramento.

A missão do sacerdote é **fazer sacrifício** — e a única ofrenda agradável a Deus é a doação de si mesmo. Como o sacerdote ou a sacerdotisa se acham constantemente em “adoração”, isto é, na ação invariável diante do Trono de Deus, a renúncia de si próprios também é contínua. No entanto, essa atitude não pode deixar de existir no momento em que uma pessoa de natureza contrária à Ordem Divina provoque escândalos, pois o sacerdote age pelo poder de sua força sublimada e irradiação espirituais. Todos os que se prontificam a dar tudo o que são ou possuem, por amor ao Cristo, poderão se tornar sacerdotes ou sacerdotisas no Reino do Messias. O sacerdote é um rei, porquanto tem domínio legítimo sobre almas não evoluídas, o que o faz responsável pelo seu bem espiritual. Deve delas cuidar como um pai, zelando pela ordem psíquica. Incentivará o zelo dos de boa vontade, encaminhá-los-á para a ação, para fortalecimento dos fracos e ineptos. A prosperidade de seu reino exige discernimento e ajuda; por isso, o rei enviará missionários que disseminarão o livre curso do progresso espiritual. As tarefas do sacerdote real (o faraó) são de multiplicidade singular e exigem inteligência

apurada e energia, além de sabedoria e verdadeira humildade. Um exemplo real do verdadeiro sacerdócio foi nos dado por Deus mesmo quando doutrinou como Melquisedeque, Rei de Salém.

O sacerdote-rei também é profeta, porquanto é destinado a entregar os tesouros do Céu, dos quais livremente dispõe, aos que se acham na escada abaixo dele. Assim, uma de suas mãos está levantada para receber do Pai Celeste; a outra, estendida para baixo, a fim de distribuir as dádivas, posição mística que tão frequentemente se vê em quadros e monumentos de reis.

Solve ad coagula, a célebre fórmula secreta, corresponde ao poder de desligar e unir, conferido por Jesus aos apóstolos quando lhes aplicou o sexto sacramento.

Tal poder só é dado às almas que, vitoriosas, galgaram todos os degraus evolutivos, e portanto afiançaram não desmerecê-lo. As algemas insuportáveis, forjadas pela ignorância e o fanatismo, partem-se pelo toque mágico da espada da Verdade — o Verbo Divino!

É a palavra que surge de um coração pleno do Espírito Santo. O verdadeiro sacerdote é mediador entre Deus e a criatura, pois somente ele tem acesso ao Santíssimo. Em horas de profunda meditação, o véu que lhe cobre a alma é levantado, para que vislumbre o Céu. Esses momentos sublimes são o preâmbulo de alegrias inauditas, reservadas às almas perfeitas, no último degrau da escada Celeste. No entanto, o sacerdote ainda não está autorizado a permanecer no santuário; terá que

concluir uma série de deveres. Os seis dias de labor estão pres-tes a findar, e a época da máxima atividade precede a vinda do grande sábado! Muito há que fazer para a Chegada do Senhor!

Todos os verdadeiros sacerdotes cuidam que “as virgens possuam óleo em suas lâmpadas”, pois o amor deve ser intenso, tornando-se sempre mais forte pela ação caridosa. Não há mais tempo para verificar se a luz se propaga, pois a atividade é constante. Por toda parte se ateiam novas chamas de amor para o Noivo Celeste, levantando as bandeiras da liberdade espiritual! De todos os lados se apresentam falanges de libertos com palmas nas mãos, a fim de melhor aprenderem a nova canção do amor. E aqueles que recebem a coroa da vitória são inundados pela água viva!

No sexto degrau evolutivo, a alma tornou-se noiva do Noivo Celeste; ainda, porém, não se uniu a Ele!

Teve apenas um pequeno vislumbre do Amado, sem, no entanto, conquistar o direito de sua constante companhia. Somente quando recebe o sétimo sacramento a alma usufrui a felicidade indescritível da eterna união com Deus e penetra na paz que ultrapassa toda a humana compreensão. Não mais necessita da encarnação, pois todo o filho perdido (Lúcifer) volta à Casa do Pai. No momento em que se prontifica a procurar-Lo, Este desce rápido da escada, a fim de recebê-lo no terceiro degrau, dando-lhe a Ceia Celeste. Quando o perdido exclama: “Pai, sou pecador”, recebe a vestimenta alva da pureza... e, finalmente, o anel do Matrimônio Indissolúvel do Salvador com o salvo, símbolo do sétimo sacramento.

SÉTIMO SACRAMENTO O MATRIMÔNIO

Não é possível falar-se sobre o Matrimônio Celeste por ser um fato altamente santificado. Qual seria a noiva que relataria a estranhos o arrebatamento do primeiro amplexo? A alma que recebe o Beijo da Sabedoria Divina não deseja revelar o que se relaciona com o sacramento do matrimônio.

Só uma coisa é certa, não foi ele instituído para justificar a união física entre homem e mulher, que apenas é indispensável para a procriação. De suma importância para o bem do filho é que a união entre os pais seja bem sólida. Mas essa união não é indissolúvel, porquanto não se lhe pode aplicar o argumento: “O que Deus uniu o homem não deve desligar”, em vista das inúmeras ligações infelizes que defrontamos diariamente. Deus não une casais antagônicos, e o simples fato de um membro da igreja ter celebrado a cerimônia não quer dizer que fosse feita com o consentimento Divino. Por certo carecerá sempre dessa confirmação, uma vez que o móvel da união não tenha sido o amor desinteressado!

Altruísmo significa isenção de desejos próprios. O matrimônio é um contrato importante, que impõe sérias e mútuas responsabilidades, as quais deverão ser seguidas honestamente por pessoas de caráter. Mas quando a continuação do matrimônio se torna impossível, devido a interesses e ações divergentes, não existe necessidade de mantê-lo, em prejuízo de ambos. O laço que une os casais é de natureza legal — e não Divina. Por-

tanto, o sétimo sacramento não implica o direito do sacerdote em realizar uniões indissolúveis, algemando para sempre duas criaturas imperfeitas no plano físico. O “grande mistério”, mencionado por Paulo aos Efésios, 5, 32, refere-se à união de Deus com o homem e nunca a assuntos sociais. Possam todos que considerem o matrimônio como sacramento meditar sobre qual será a deturpação pior: aplicá-lo a pessoas indignas ou dissolver uniões não abençoadas, que só se relacionam à natureza animal?

EPÍLOGO

Os adeptos das práticas rituais poderão alegar serem essas opiniões de ordem pessoal, desprovidas de qualquer valor. Todos, porém, poderão se certificar serem tais pontos de vista conformes com os da primeira era Cristã, quando os patriarcas ainda estavam de posse da Verdadeira Sabedoria!

São Clemente de Alexandria, conterrâneo de Tertuliano, forma a seguinte sentença: “Por sermos batizados, somos iluminados; como tais, somos filhos de Deus; como tais, somos perfeitos e desse modo: imortais!” Essas palavras designam com máxima clareza a ascensão na escada mística, degrau por degrau. Não haveria confirmação mais convincente do que essa declaração, que parte de um membro da Igreja Católica!

São Cirilo, de Jerusalém, entoou o louvor dos sacramentos: “Liberdade aos algemados, perdão dos pecados, renascimento da alma, vestimenta de luz, cunho santificado e indissolúvel, subida ao Céu, alegrias celestes!”

Ter-lhe-ia sido possível usar palavras flamejantes referindo-se às cerimônias frias, conforme são usadas por milhões de pessoas não renascidas?

Quão elevada São Clemente descreveu a evolução da alma, comparando-se essas palavras com os resultados obtidos pela aplicação dos sacramentos! Os recursos espirituais Divinos são de tal forma deturpados que deixaram de ser instrumentos da Vida Eterna!

O Batismo, o sacramento do arrependimento e do renascimento, é aplicado a crianças inconscientes.

A Crisma, o sacramento da iluminação interna, aplica-se a adolescentes.

A Comunhão, o sacramento da União Divina, é transmitido mesmo a criminosos.

A Confissão, a pior prova de fogo da condenação própria, é transformada em palavreado fútil.

A Extrema-Unção, a completa rendição da vontade humana, o sacramento que exige o maior esforço pessoal, é aplicado a moribundos.

A Ordenação, que confere a mais elevada dignidade às criaturas — privilégio que somente Deus pode conceder —, é efetuada em todos que desejem seguir a carreira eclesiástica.

O Matrimônio, o mais sublime sacramento, deve justificar uniões mundanas.

Que é isso tudo, senão Doutrina deturpada, água impura ou fraude tremenda!? O triste fato de carecerem do Espírito Santo, tanto os sacramentos quanto a Arca da União, é prova-

do diariamente pela falta completa dos prometidos resultados benéficos.

As conseqüências do reconhecimento da Verdade serão de grande amplitude, e a continuidade de todas as igrejas depende do seguinte: são os sacramentos devidamente aplicados? Sim ou não?

Como infelizmente a resposta é negativa, conclui-se que ainda não existe uma Verdadeira Igreja Cristã. Não resta dúvida que milhões já fazem parte da Igreja Invisível; mas a maquinação tremenda — forjada há 1.600 anos por ordem do depravado Imperador Constantino — nada tem a ver com a Religião Pura, ensinada por Jesus. Seria o Cristianismo um insucesso?

A tendência é de sempre se culpar a Deus e a Doutrina, não a si próprio. Essa indagação não mais nos apavora, porquanto o Cristianismo nunca foi bem empregado!

O Cristianismo ainda não foi iniciado,
O Reino dos Mil Anos ainda não chegou!
Pois falta a Paz sobre a Terra; porém,
Em breve virá o Senhor! Aleluia!
E regerá este Orbe.
Pois o Reino é Seu! Aleluia!
Para toda a Eternidade!
Estejam preparados para enfrentá-Lo,
Para ver a Sua Glória!
Pois o que Ele promete, há de se cumprir!
Amém!

PRÉDICAS DE ADVERTÊNCIA

DADOS BIOGRÁFICOS

Gottfried Mayerhofer, nascido em Munique em 1807, de família conceituada. Tornou-se oficial do exército grego, casou-se em Atenas com a filha de grande industrial e viveu finalmente em Trieste, em boa situação. Ali conheceu as obras de Jacob Lorber e tornou-se adepto entusiasmado.

Através de suas contribuições financeiras foi possível a edição do Grande Evangelho de João e de outras obras da Nova Revelação.

Em idade avançada, ele mesmo recebeu o dom da Palavra Interna, podendo esclarecer vários problemas da Criação, da Vida e da Saúde, e principalmente o intercâmbio com o mundo espiritual.

A mais bela e mais importante obra de Gottfried Mayerhofer é o Livro das Prédicas do Senhor, e constitui um incentivo espiritual para a humanidade.

Na sexta-feira da Paixão de 1877, ele voltou ao mundo dos espíritos, do qual nos forneceu tantas mensagens.

PRÉDICAS DE ADVERTÊNCIA

Do Senhor, nosso Deus, Criador e Pai, para seus filhos.

Ouvi, ó povos! Ouvi a Palavra do Senhor! Abri vossos corações e ouvidos para escutardes o que o Senhor tem para vos dizer através de Seus Profetas!

Por que esbravejais e furiosamente reclamais, e em vossos corações Me responsabilizais das vicissitudes que irromperam sobre o globo terrestre? Fostes vós a romper Minha União convosco, não querendo mais conhecer-Me, nem manter Meus fáceis Mandamentos. Saístes totalmente de Minha Santa Ordem, a fim de poderdes pecar mais facilmente, em vez de elevar Mandamentos e Ordem vitais em vós mesmos, como sendo uma lei voluntária e futura norma de vida por amor a Mim, e desse modo vos tornardes portadores dessa mesma lei. Em vez disso, vos acomodais e imitais os mexeriqueiros que dizem: “Deus não existe; o Deus do homem é ele mesmo, portanto é o mais elevado ser!” e outras tolices. Ele se julga, por tal concepção, um deus mortal e consegue denegrir-se sob o Reino de Minha Natureza. Os próprios animais da floresta e do campo Me prezam através de seus cantos de júbilo. A própria flora se pronuncia, dizendo: “Deus Onipotente, foi de Teu Agrado agradecer-nos com uma fagulha de Teu Espírito Total, conferindo-nos, ao mesmo tempo, uma existência eternamente indestrutível, que se multiplica ao Infinito, a fim de deitá-la no invólucro germinal de Tua semente de trigo, e

quando essa se deteriora na terra, sua vida interior se liberta, podendo organizar o crescimento vegetal!” Então grandes falanges de anjos acompanham a exclamação de gratidão e júbilo da natureza, apresentando-Me louvor, honra e glória de eternidades em eternidades para a alegria deles, ao passo que para o gênero humano é uma injúria e vergonha.

Se, em virtude de vossa ação contrária à Ordem Vital, irrompe uma catástrofe de efeitos tais como a mais recente, com todos os seus pavores, tristezas e destruições, nas quais participavam Meus filhos — intimamente ainda algemados e indômitos em seu próprio aprisionamento, em virtude de sua vontade maldosa, permitindo uma nova manifestação pela influência dos atuais chefes do governo, sem qualquer interferência rigorosa contra o ultraje intencional — eles torcem a situação, responsabilizando por tal desgraça a Mesma Divindade que anteriormente haviam negado. Elevam-se eles mesmos para tal Deus, em virtude de sua preguiça espiritual e fraqueza psíquica. Em sua cegueira, acreditam numa vida segundo suas próprias leis e ordens, que pretendem renovar constantemente, desconsiderando a voz de advertência de sua consciência, abafando-a dentro deles e praticando um fratricídio! No entanto, **tal voz** será seu próprio juiz! Outros degenerados afirmam: “O Senhor mandando tantas punições, apostatamo-lo!” Então, Eu Me manifesto, dizendo: “As referidas punições de Deus nada mais são que efeitos de causas anteriores, criadas por vós mesmos e repito: Não pratiqueis maldades, que nada de mal vos sucederá; evitai a injustiça, que não

vos atingirá qualquer desgraça.” A fim de evitar coisas piores, o gênero humano sempre foi livre, e ainda o é, para retornar ao bem e modificar seu destino através de uma conduta justa, segundo Minha Doutrina, podendo criar as condições para uma vida ordenada. Quem se sentir ainda fraco que Me peça em seu coração pela força de sua fé, confiança e vontade.

Além disso, posso realizar o impossível em virtude de Minha Onipotência Eterna!

Desse modo, depende da pessoa isolada, tanto quanto de todos, modificarem seu destino. Se vós, criaturas, considerais que acolheis uma fagulha de Meu Espírito Total e Eterno, que Se vivifica à medida que viveis dentro de Minha Ordem, e sempre será um Admoestador dos atalhos, e além disso, recebestes um guia espiritual (vide “Sete Sacramentos”) — responsável, que vos protege desde o berço até o túmulo, com a incumbência de inclinar vossa mente para o bem, e deve apenas respeitar vosso livre arbítrio —, não é ultrajante discutirdes Comigo, quando ocorrem situações desagradáveis e contrárias ao bem-estar e ao ócio inato de criaturas maldosas e de corações endurecidos? Cospem todos os conhecimentos, até então adquiridos, como cães, procurando caminhos novos, humanos e mais agradáveis, que não existem e não podem existir. Se todas as ocorrências e aparições no mundo, no íntimo da criatura, bem como no globo terrestre, se acham em relações correspondentes entre si, um gênero totalmente pervertido só pode fazer jus a dirigentes e chefes que se coadunem à sua natureza maldosa. O externo corresponde

ao interno. A vida íntima do homem se manifestará cedo ou tarde, tanto isoladamente como nas massas. Por isso, afirmo: povos egoístas e contrários à Minha Ordem têm que ser pressionados e afligidos por meio de chefes tirânicos e orgulhosos, a fim de não se corromperem totalmente, mas chegar à consciência e recolhimento interno.

Se Eu agisse contrário à Minha Ordem Original, dando ao gênero humano glutões gozadores para regentes e chefes, cheios de fraquezas e desejos inconfessáveis e incapazes de dirigir um governo, e além disso abençoasse os campos terrestres a ponto de nunca ocorrer uma penúria popular, as consequências seriam catastróficas para a vida psíquica. Tal gênero humano, que jamais almejasse a sábia conduta de um Criador, haveria de se degenerar de tal forma a perder totalmente sua Semelhança Divina, privando-se de todas as capacidades espirituais e forças criadoras de Deus. Chegaria no Meu Mundo Espiritual com almas dilaceradas até às formas primitivas, e milhões de falanges de anjos teriam que trabalhar durante milênios, como samaritanos, a fim de compensar tais prejuízos psíquicos em seus mínimos valores.

Quais não seriam as reprimendas amargas que tal gênero faria a Mim quando se inteirasse dos efeitos de sua ação satânica! Haveriam de Me classificar de Criador totalmente incapaz da educação de Seus filhos terrestres, pois teria que prever tudo isso.

Daí se deduz não haver outra possibilidade de reconduzir os homens à Minha Ordem e à consciência de sua

conduta errada sem vilipendiar o seu livre arbítrio. Se Eu encontrasse no Meu Plano Criador a mínima imperfeição, que tornasse duvidosa a futura perfeição e plena Semelhança Divina dos que caminham segundo Minha Ordem, seria fácilmo dissolver Minha Criação e todos os seres, num átimo, através de Minha Onipotência. Seria reconduzida aos Meus Pensamentos Originais de onde surgiu toda a matéria, e continuará surgindo eternamente, e transformada numa Criação totalmente nova.

Quem Me poderia chamar à responsabilidade por isso? Minha Criação sendo sumamente perfeita e tudo faço para mantê-La, a Ordem Original tem que ser respeitada.

Ainda não tranquei a porta para o Meu Coração Paternal. Mas quem quiser retornar, que o faça depressa. Do contrário, seria obrigado a enviar tribulações tais que fariam empalidecer as passadas e as ainda existentes, para finalmente levar o gênero humano à sua verdadeira finalidade. Aos renitentes, o Meu Amor Paternal há de se ocultar e Minha Divindade fará justiça em Sua Inclemência. De Minha Parte, hei de tapar os Ouidos, a fim de não ouvir os gritos de dor e desespero. Lembrai-vos disso.

Meu Tempo já chegou para transformar a Terra num paraíso, a fim de que nela venha a existir paz e harmonia, e Eu possa habitar entre Meus verdadeiros filhos.

Como foi possível que a cidade — vosso coração maldoso —, antigamente tão piedosa, chegasse a tal ponto? Foi a consequência de pensamentos impudicos, vícios e adultérios,

paixões e desejos de toda espécie, ódio, inveja e discórdia, difamação, mentira e perseguição. Pelo orgulho desmedido, amor-próprio, teimosia, obstinação, tendência de domínio, ambição, gozo e toda sorte de maldades contra o próximo, por pensamentos, palavras e ações.

Ai do povo pecaminoso, cujo coração endurecido e cheio de delitos, onde o amor esfriou totalmente e apenas imagina coisas maldosas, ignora e não quer reconhecer que, com isso, provoca seu próprio julgamento. Quanto tempo ainda terei que vos suportar? Não quereis ouvir Minha Palavra! Não estais dispostos a ter para regentes e chefes sábios iluminados como anteriormente, preferindo intelectuais de vosso meio, infames e vergonhosos, de sorte que não chegarão a um acordo final! Reconhececi, portanto, os verdadeiros motivos da ruína dos povos, há seis mil anos, isto é, a completa ausência dos Ensinamentos e Ordens vitais de seu Deus e Criador.

Os patriarcas — desde Adam a Noé — que habitavam as montanhas de Hanocho, sagradas por Mim, onde as criaturas satânicas não podiam pisar, caso não quisessem ser destroçadas pelas feras, que Eu determinei para vigias, foram por Mim Mesmo ensinados em todas as coisas da vida material e espiritual, e esse ensino se conservou verbalmente e mais tarde foi anotado segundo Minha Vontade. Todos viveram fielmente como verdadeiros filhos da Luz até a morte de Adam e Eva, durante 960 anos. Descendentes dos patriarcas, cujos corações se desprenderam aos poucos de Minha Doutrina, dirigiram-se para Hanocho e se uniram às filhas de lá... Mas o per-

vertido rei Lamech, que recebera dos Meus Sábios e de Mim o necessário ensinamento, transformou-se de tal forma, com os conselheiros e chefes, a ponto de se tornar um exemplo luminoso de seu povo, que o prezava e Me agradecia de joelhos. Rei e povo caminharam durante séculos — até a morte dele — em Minha Santa Ordem, elevando-se de seu estado de simples criaturas para verdadeiros filhos de seu Deus e Criador, vivendo felizes, em paz e serenidade, sem jamais sentirem qualquer necessidade.

Os reis posteriores — e as consequentes gerações, incluindo o sacerdócio pervertido, cujas atitudes satânicas contribuíram para a ruína desse reino gigantesco — Me abandonaram cada vez mais. Criaram suas próprias organizações de vida e leis, levando guerras sangrentas com povos vizinhos, usando cargas explosivas de efeito terrível, arrebatando os grandes veios de água subterrânea, fazendo irromper finalmente as enxurradas das profundezas das montanhas, que inundaram a terceira parte da Ásia, numa altura de 4.000 metros e afogaram os hanoquitas e os habitantes das alturas. Somente Noé, sua família e os animais, mencionados na Escritura, se recolheram na arca construída por ele e seus ajudantes. Todas as Minhas advertências e ensinamentos, que fiz levar aos hanoquitas pelos Meus mensageiros, de nada valeram. O mar Cáspio e o lago Aral são testemunhas silenciosas daquela catástrofe aquática. Provas da antiga grandiosidade desse reinado gigantesco podem ser encontradas ainda hoje em suas profundezas, pelos incrédulos.

O povo japonês — cujos patriarcas viveram durante 1.900 anos fielmente dentro de Minha Doutrina, que Eu havia transmitido a Meduhed, seu patriarca original, e que fora anotada por ele e seus sábios professores e ajudantes — podiam orgulhosamente se chamar de “filhos do Céu” e “filhas da Terra”. Eram a seu tempo o povo mais rico, mais feliz e satisfeito da Terra, cujas ilhas nenhum estrangeiro ganancioso podia pisar. No entanto, o povo também se desviou de Minha Ordem, e como advertências seculares de nada adiantaram, permiti que caísse sob o domínio dos mongóis que Eu conduzi por caminhos secretos, a fim de proteger da ruína as almas que se tornaram maldosas. Os apóstatas tiveram que pagar tributos pesados e construir cidades, acabando com a felicidade e a paz dos japoneses. Ainda assim, tinham a liberdade de voltar seu coração para Mim, diante do domínio estrangeiro, com que Eu teria tornado seu destino mais suave.

De modo semelhante, se bem que não tão grave, foi o destino do povo chinês, pois também se afastou de Minha Doutrina Pura, que seu patriarca primitivo — Sihin — havia recebido de Mim, e se entregou aos poucos à idolatria de seus ascendentes, em vez de erigirem templos para o Deus Vivo.

Os primitivos egípcios — que tinham sido regidos por reis-pastores, muito sábios e cujas inscrições em rochas até hoje nenhum que não fosse inspirado conseguiu decifrar — ficaram fiéis a Mim durante 700 anos. No entanto, também caíram na idolatria e outros vícios, considerando os símbolos de Minha Divindade — ensinados pelos sábios instrutores

como as próprias forças que até então honravam — divinizavam as formas materiais, e além disso se deturpavam horrivelmente. Todos os ensinamentos e advertências não surtindo efeito, fiz com que faraós estrangeiros encontrassem o caminho para seu país e em breve esses se ergueram para reis e soberanos, que subjugaram o povo egípcio. Posteriormente, o povo foi dominado pelos romanos e, mais tarde ainda, pelos ingleses.

O povo israelita — designado para guias de outros — também saiu repetidamente fora de Minha Ordem, precisamente quando Moisés o conduzia através do deserto. Tratava-se de um povo teimoso, de coração endurecido e materialista, onde não existia amor e nenhuma vibração de vida espiritual, que pudesse levar o campo dos sentimentos a verdejar para Me proporcionar frutos amadurecidos da vida.

Por isso, o deserto não pôde produzir — em virtude de Minha Ordem Original — muito embora teria sido fácil para Mim transformá-lo num campo frutífero através de Minha Onipotência, sem cooperação humana. Orgulhosamente, esse povo exigiu de Mim um rei, pois necessitava de um soberano de pompa externa, não lhe agradando mais Meu Regime. Em seu orgulho, nascido do ócio, apegou-se cada vez mais às leis de Moisés, em vez de se prender ao sentido espiritual das mesmas, que Eu de modo algum sustei, mas as firmei e espiritualizei pela Doutrina de Amor. Quando pretendi educar tal povo — Pessoalmente — para um verdadeiro povo de Deus, ele Me perseguiu em sua cegueira, crucificando Minha Forma como Filho, com Meu consentimento.

Ainda assim, conquistei dentre eles almas fortes, que Me serviram com todo amor e divulgaram Minha Doutrina em muitos países, cidades e lugarejos. Não pude e não devia tirar o livre arbítrio aos renitentes sem julgá-los. Todas as advertências e punições no exílio não apresentando efeito algum, consenti que o último julgamento caísse sobre eles, que os dispersou em todas as direções. Sem nacionalidade são obrigados a comer o amargo pão em terra alheia e suportar todo vexame e perseguição de outros países, devido à sua falta de amor, teimosia e incredulidade. Todavia, têm a opção, como todos os demais apóstatas, de voltarem para junto de Mim e Minha Casa, extirpar a tendência doentia pelos bens materiais, para aceitarem Meus leves Mandamentos e agirem segundo eles.

O povo hindu — cujo país deveria ser especialmente santificado, pois era bafejado pelo Espírito de Deus — mutilou e humanizou os ensinamentos de seu reformador pelo total desprezo ao mundo. Deveria viver segundo Minha Vontade e praticar verdadeiras obras de amor ao próximo, fortificando sua alma na luta da vida, amadurecendo para uma existência mais elevada no Meu Espírito, em vez de levar uma existência tola de expiação pela autoflagelação, inútil para todos, porque atrofia a alma.

A fim de sacudir esse povo de sua ociosidade, falta de vontade e debilidade e liberá-lo de seu enraizado fatalismo e fanatismo, pelos quais caiu na morte espiritual, permiti que fosse dominado e subjugado pelos ingleses, que também o puniu, provocando a perda de sua liberdade e independência

por longo tempo. Seu coração se tornara obtuso e sem ação, ignorando o Espírito Vivo de Deus.

Onde ficou o antigo brilho, poder e grandiosidade dos persas, babilônios, macedônios, romanos e gregos? Tratava-se de povos que em justo tempo receberam de Mim os Ensinaamentos de salvação e vida adequados ao amadurecimento e caráter de cada um, através de doutrinadores inspirados por Mim. Tudo se desvaneceu devido ao mundanismo total de seus chefes, que se haviam esquecido de Mim e erigiram templos e altares para seus ídolos, em vez de consagrar para Mim seus corações como templos vivos. Seus países se tornaram joguetes de poderes estrangeiros e ainda o são hoje em dia.

Que destino finalmente levou Minha Doutrina de Amor, que como Salvador doei ao mundo? Foi somente ensinada e vivida nas originais comunidades cristãs, até que pessoas orgulhosas, dominadoras e com tino comercial criaram uma prática pagã por motivos gananciosos. Chamavam isso de religião, e até hoje mantêm suas ovelhas de fé cega sob seu domínio, atirando-as à pior superstição, ao ponto de matar as psiques, de onde jamais poderiam ser libertas sem julgamento.

Assim, Minha Doutrina pura do Amor foi deturpada e vilipendiada. Milhões de sacerdotes que vivem às custas do altar, sem servi-lo realmente dentro de Meu Espírito, até hoje não conseguiram educar criaturas mundanas, com as quais Meu Coração sentisse agrado. Meu Espírito não se encontra neles nem nas igrejas de pedra, do contrário não teriam sido atingidas pelo raio ou pelas bombas. O anjo mais simples teria

Onipotência suficiente para evitar tais fatos. Todas as almas realmente importantes, batizadas pelo Meu Espírito e enviadas com Minha Ordem, que agem e vivem no seio da Igreja Católica a fim de evitarem as piores aberrações, nada têm a ver com o poderio satânico de Roma e não podem por ele ser considerado seus semelhantes. São filhos da luz, portanto espiritualmente renascidos. Todavia, o tempo se aproxima em que exigirei Minhas ovelhas das mãos dos pastores infiéis, que serão desmascarados diante de todo mundo.

Nessa explicação são reveladas as causas verdadeiras da queda espiritual e moral de grandes povos e suas culturas, não provocadas por um destino inconsciente; foram somente os próprios homens que abandonaram cedo ou tarde Minhas Determinações. Queriam formular suas próprias organizações e leis, prejudicando seriamente suas almas e se entregaram à escravidão de sua vontade maldosa, através do enfraquecimento das forças de reação espiritual, de onde terão que se libertar pela conduta total de Minha Doutrina.

Em vosso íntimo indagais: “Senhor, se assim é, por que permitiste tais erros de Teus filhos, se Tua Vontade Onipotente bem poderia ter evitado?”

Respondo: “Teria sido fácil, caso quisesse agir contra a Minha Ordem Original!” Num instante poderia eliminar vossa vontade própria e insuflar Minha Onipotência, preparando vosso coração de tal modo que Me prestaríeis obediência cega em tudo. Em tal caso, seríeis transformados em simples homens-máquinas. Mas a semente do mal continuaria convosco

e jamais seríeis capazes de atingir o destino elevado. Vossa situação seria idêntica à dos irracionais que seguem a seu instinto, que Minha Onipotência neles deitou e conservou, de sorte que só podem agir e se mover conforme o exijo. Desse modo, também não podem chegar a uma perfeição vital maior. Mas a vontade do homem tem que ser livre para toda a eternidade. Encontra-se ele sob a lei do dever; apenas o corpo está sujeito ao imperativo categórico, pois tem que morrer.

Ainda assim, entendo finalmente efetuar, das más ações dos homens, sua própria salvação. Nas piores situações da vida, jamais será tocado um fio de cabelo ao justo, que sempre age com Meu Amor, não obstante sofrimentos e tribulações.

Sou forçado a assim agir porque somente pelo sofrimento a alma humana se torna forte, resistente e apta para grandes tarefas em Meu Reino. Portanto, Meus sofredores corajosos, tendes paz no Senhor, o Grande e Onipotente Mestre de Construção, vosso Pai na Luz! Ele há de vos fortalecer na dor e ajudará a carregar vosso jugo. Sou e serei eternamente o antigo Deus, que dirige sob Seu Comando sabiamente todos os seres. Serei Pai Verdadeiro para os que Me dedicam todo amor; hão de participar da plenitude de felicidades e bem-aventuranças que gozam milhões de Meus filhos em Meu Mundo Espiritual — um mundo que os servos de Satanás afirmam inexistir, muito embora eles mesmos lá passem, com sua alma e espírito, a terceira parte de sua existência, num estado sonolento e sonhador. Eles também sonham, se bem que nem sempre se recordam dos sonhos, devido à sua imaturidade psíquica.

Agora, ouvi e assimilai na profundidade de vosso coração o que tenho para vos dizer, usando a razão como analisador. Em Minha Sabedoria, depositei no homem as capacidades, atributos e forças correspondentes às Minhas, como dons incompletos. Deve ele próprio se tornar o criador de seu aperfeiçoamento interior, um ser autodeterminador, que descobre e livremente age com aperfeiçoamento crescente, assemelhando-se assim, cada vez mais, ao seu Criador e Senhor. A fim de alcançar tal estado, o homem deve aceitar o Meu Verbo, no qual Eu lhe revelo Minha Vontade, de coração feliz e grato, e naturalmente praticá-lo. Se Eu, desde o começo, tivesse criado a alma humana totalmente perfeita, teria lhe tirado todo estímulo para exercitar suas forças naturais e espirituais. Se deleitaria em seu mundo de pensamentos e ideias, sem no entanto querer realizá-lo, e sua atividade seria apenas dirigida à satisfação da fome e da vestimenta. Essa observação deve servir para os cientistas resmungadores que se pronunciam de modo crítico a respeito da criação do homem.

Todo mundo visível e invisível, todos os Espaços no Cosmos com todas as estrelas incontáveis e habitadas, Eu os criei por causa dos homens, que deverão participar futuramente como filhos perfeitos das maravilhas e alegrias de seu Pai e Criador.

Erigi toda a Minha Criação, desde sua Origem, através de Minha Sabedoria, de sorte que dispensa modificações e melhoramentos para todo sempre, mesmo que pela maldade de Minhas criaturas, muitas vezes a sólida Ordem Original é perturbada, dando-se consequências que para eles mesmos são dolorosas e produzem um estado caótico no Universo.

Na Ordem de Minha Criação, também foram assimilados os Ensinamentos e Mandamentos para o aperfeiçoamento e a consciência espiritual de Meus filhos, por cuja aceitação o caminho à Minha Casa Paterna se torna curto.

Se as criaturas, em virtude do livre arbítrio conferido por Mim, desconsideram a voz interna, embora cientes do bem e do mal, afastam-se de Minha Ordem e agem contrário aos Meus Mandamentos, prolongando o caminho para junto de Mim. A vida em Minha Criação se baseando na perfeita harmonia entre Criador e criatura, e não havendo consistência uma vida egoísta e teimosa fora de Mim, pelo contrário se consumiria por si mesma, conclui-se que todos os habitantes desta Terra, bem como dos milhões de sóis, planetas e seus satélites, que se opõem aos Ensinamentos e Organizações transmitidos em toda parte por meio de Meus inúmeros sábios e doutrinadores, são finalmente obrigados a retornar à Minha Ordem por desvios dolorosos e prolongados, porquanto surgiram de Meu Espírito de Origem Divina.

No entanto, pode ocorrer que almas maldosas se aprazem por muito tempo em seu estado autocriado, afundando cada vez mais em seu mundo interior e igualmente no mundo exterior, sem realidade nem consistência duradoura. Tanto mais poderoso e insistente se levanta seu espírito, obrigado a acompanhar a alma ao abismo, e sua voz acusadora e admoestadora aflige e martiriza constantemente a alma. Sua maldade representa o verme roedor que não morre, e a ira é o fogo que não se apaga até que a alma, na mais profunda base de seu próprio

inferno, finalmente se dispõe ao retorno. Basta um grito de socorro, para que Meus anjos servidores dela se aproximem para uma saída salvadora, antes que seja tarde. Não querendo aceitar tal ajuda, preferindo em seu total endurecimento psíquico todos os martírios infernais que a atormentam, o que pode acontecer em casos raríssimos, o espírito abandona a alma para sempre. Suas partículas se dissolvem, são atraídas por outros elementos de vida psíquica da natureza, de onde eles surgiram, o que representa a perda da personalidade, ou a segunda, isto é, a própria morte da alma. As potências específicas divididas se desenvolvem, através de milhares de desintegrações, de suas formas para outras superiores, até que, guiadas sempre por espíritos sábios e dirigentes, atingem a forma humana, onde são enclausuradas. Todo elemento psíquico na matéria tende à espiritualização, e não existe uma poeirinha solar nem um verme cuja finalidade não seja fixada por Mim. Aprendei dessa concepção compreensível!

Nenhum anjo, por mais sublime, muito menos um simples mortal desta Terra, poderá penetrar em Minhas Profundezas de Sabedoria, imensuráveis e insondáveis, tampouco assimilá-las, porque não podem ser ilustradas em quadros correspondentes nem transmitidas por meio de símbolos.

Daí se conclui que a criatura não pode viver sem Deus, mesmo que procure se convencer disso. Pode, por certo tempo, tomar uma posição contrária a Deus, devido à sua maldade, porque em todo o Universo nada existe senão Deus e tudo se encontra Nele! Então a criatura reconhecerá ser impossível

compreender algo espiritual e divino através de seu intelecto, por mais aguçado que seja, mas apenas com o coração, tão logo o tiver purificado de todo detrito do mundo.

Em Meus Mundos espirituais existem escolas especialmente organizadas, onde Meus filhos rebeldes são levados a uma justa maturidade, podendo se tornarem valiosos socorristas e instrumentos salvacionistas em planos distantes, para gerações futuras. A eternidade não conta o tempo que destrói e faz desvanecer todas as aparições, enquanto ela tudo conserva, e milhões de anos terráqueos são como um simples instante fugaz diante de Minha Eterna Presença.

Se assim é, não é tolo quem continua a reagir contra Mim em seu orgulho, amor-próprio e teimosia, querendo seguir seus próprios caminhos? Filhos tolos, se pudésseis contar as inúmeras lágrimas e ouvir as amargas acusações próprias dos que partem da Terra, após terem levado uma existência à sua vontade, esquecendo-se totalmente de Mim! Se fosse possível saborear uma pequena prova de Minhas Maravilhas, apenas por um segundo, preparadas para Meus filhos verdadeiros e espiritualmente renascidos, imediatamente e cheios de remorso voltaríeis à Minha Ordem Santa da Vida.

Aos intelectuais da sabedoria e seus chefes, advirto:

EU sou o Criador e Pai de todos os homens, surgidos de Mim e dos que ainda nascerão do seio do Meu Amor. Não transfiro Minha Glória a outrem! Segundo Meu Espírito, sou

Eterno e Infinito! Tudo surge e se mantém por Mim; tudo está em Mim; tudo nasceu da eterna e infinita Plenitude de Meus Pensamentos e Ideias, desde o mais ínfimo ao máximo! Em síntese, sou tudo que comporta o Infinito. Para Meus verdadeiros filhos, Sou um Deus Pessoal, Real e Visível, com o Qual se podem abrir como a um irmão. Somente Eu Sou o Espírito Básico mais puro de todos os seres espirituais, portanto o Elemento Original de todos os elementos. Minha Divindade nasce de Meu Amor e o Infinito é Meu Ser, criado e mantido através de Minha Onipotência. Se, portanto, Sou Eterno em Minha Natureza, nada pode existir fora de Mim. Aliás são Minhas criaturas, no estado permitido de emancipação, como se estivessem fora de Mim; na realidade, estão dentro de Mim. Meu Espaço da Criação é eterno e infinito e totalmente preenchido com Meu Espírito, que é puro Amor, portanto Vida, Luz, Sabedoria e a mais clara Consciência Própria; em suma, um exato sentir, uma exata percepção, visão e ação. Através de Minha Poderosa Projeção de Éter Vital, em íntima ligação com o ponto central de Meu Espírito que tudo penetra, abarca, vê, ouve, sente, pensa, quer e age em toda parte, Sou Deus Onisciente!

EU SOU e sempre serei o EXEMPLO ORIGINAL E BÁSICO DE TODOS OS HOMENS. O Mesmo Deus, Senhor, Criador e Pai que filhos orgulhosos, dominadores e à procura de glória, se bem que fortes pensadores, mas espiritualmente fracos, preguiçosos, julgam ter destronado, a fim de eles mesmos se endeusarem.

Aos poderosos regentes e seus chefes, advirto:

Guardai vossa espada na bainha! Quem toma da espada, há de perecer por ela!

Lutai com as armas do amor e da verdade contra os vossos próprios adversários, quais sejam: ódio, inveja, raiva, discussão, vingança, ganância, orgulho, amor-próprio, tendência de domínio e glória, toda sorte de perversidades que geram dentro de vós a discórdia, projetando-a e preenchendo o mundo com ela. Somente essa luta se justifica diante de Mim e garante a vitória. Como heróis verdadeiros e espirituais haveis de receber o prêmio justo do vencedor.

Sabei que jamais uma guerra foi desencadeada com Minha Vontade, tampouco pode ser motivada como necessária, pois sempre foi causada pelo orgulho, domínio e vaidade dos homens, incluindo sua insaciável cobiça. Para povos que perdessem totalmente no materialismo, Eu teria outros meios e caminhos de sobra para reorganizar e reconduzi-los à Minha Ordem. A queda total no materialismo da maior parte da humanidade e o subsequente afastamento de Mim foi e sempre será a raiz de todas as guerras. Quanto mais profunda é a ruína de tais povos, dentro da noite espiritual, negando o Espírito da Vida de Deus, tanto mais cruéis serão as guerras, como vos ensina a História.

Nada no mundo é, portanto, mau, senão o próprio homem quando se afasta do coração de Deus, seu Criador e Pai, considerando-se, e também o semelhante, como efemérides,

dando-lhes o valor e o tratamento correspondente. Então desaparecem felicidade e paz do mundo, e a discórdia com seus efeitos destruidores será soberana, que tudo atrai a seu âmbito. Pessoas de corações puros, vivendo dentro de Minha Ordem e mandamentos, formando um povo feliz, nunca tiveram conhecimento de guerras e hão de ser sempre poupadas das fúrias guerreiras. Nesse ponto, a História vos fornece igualmente vários exemplos. Vosso Senhor e Criador, sem cuja Vontade nenhum pardal cai do telhado, jamais permitiria tais incursões premeditadas contra Seus filhos verdadeiros.

Não existe um caso em vosso planeta, como também em todos os corpos cósmicos do passado, presente e futuro, em todas as esferas do Universo, em que um povo tomado pelo espírito satânico, que o induza à guerra, tivesse atacado uma nação que vive em Minha Ordem justa, portanto em união com Meu Espírito, a fim de cometer saque, roubo e domínio sob qualquer forma. Desse modo é uma usurpação incrível e um ultraje contra Deus quando criaturas totalmente ateístas e dominadas por tal espírito declaram a necessidade de guerras em virtude da superpopulação e conseqüente carência de alimentos, isto é, ameaça de fome. Eles ignoram que a Terra é por Mim de tal modo organizada que seria capaz de alimentar um gênero humano que vivesse dentro de Minha Ordem, ainda que seu número ultrapassasse, por muitas vezes, o da época de hoje. É algo facilímo para Mim, em virtude de Minha Onipotência e Ordem no crescimento do reino da natureza, multiplicar, acelerar, retardar, diminuir ou impedir

totalmente, não obstante precedente sementeira no melhor solo e considerando todas as previsões possíveis. Ai da geração se Eu tirar Minha Mão abençoada de seus campos! Todo ser vivo desta Terra seria entregue à morte pela fome. Os Meus filhos saberei proteger contra qualquer miséria e conservá-los a Meu modo. Repito a observação de que farei cair sobre esse gênero humano tribulações tais, jamais assistidas pelo orbe, caso não desista de sua vida criminosa. Prefiro ver sucumbir os seus corpos a entregar suas almas à ruína total.

A todos os cavalgadores de letras e palradores, advirto:

Devem descobrir e aprender o Espírito Vivo em cada Palavra da Escritura e necessitam do conhecimento da ciência interpretadora!

Era comum nos antigos, e ensinavam o simbolismo da Escritura, que ia sendo ensinado nas escolas, numa época em que ainda viviam segundo Meus Mandamentos e dirigiam seus corações para Mim. Somente mais tarde, no tempo dos reis, quando o povo começou a se perverter, essa ciência não era mais praticada e o povo começou a se prender à letra morta, como ocorre agora, especialmente entre os religiosos e sacerdotes. — Eis a razão pela qual os inimigos de tudo que é Divino consideram a Bíblia um livro de contos e assassinos.

Todavia, chegou o fim de toda a ignorância e concepção intelectual; o espírito do amor e da verdade há de ressuscitar como Soberano nos corações de Meus filhos verdadeiros.

Ao jardineiro e lavrador, digo:

EU unicamente Sou o Criador da meteorologia, muito embora, às vezes, dê a impressão de não existir.

Mão organizadora nas ocorrências da natureza! Percebeis os fatos e aparições externas, desconhecendo sua natureza interna, a vida e a manifestação das forças ativas que obedecem ao mais leve Aceno de Minha Onipotência. A meteorologia e todo crescimento dentro da natureza se forma segundo a condição interna da humanidade para com seu Criador. Se vive e age dentro de Minha Ordem, cumprindo sempre Meus Mandamentos, cuidarei de uma rica colheita. Assim, o trabalho do lavrador será abençoado e os celeiros se encherão de frutos e trigo. Caso os homens se esqueçam totalmente de Mim — pois não Me satisfaço com uma fé fraca de almas mornas —, o efeito será o pior possível em todos os fenômenos da natureza, conforme já presenciastes seguidamente.

Se Eu fosse cumular o trabalho do lavrador com Minha Bênção, não obstante a total perversão de Meus filhos, exporia igualmente suas almas à perdição completa e jamais acreditariam na Mão Poderosa de Deus.

Reconhecei, portanto, nos fenômenos aparentemente cegos em a natureza, Minha Mão organizadora, reguladora, mas também julgadora; não deveis supor que filhos verdadeiros de seu Criador e Pai possam ser expostos às forças brutais e cegas da natureza. Ao lado de chuva, sol e ventos benéficos, também são necessários passar sobre a Terra os tufões e tempesta-

des para sua manutenção. No entanto, Meus filhos jamais serão atingidos diretamente por enxurradas, saraiva e prejuízos nas colheitas, porque aparecem apenas como consequência da perversão humana e devem martirizar e preocupar esse gênero humano.

Se ainda assim permito em alguns continentes colheitas fartas, totalmente desmerecidas, sei perfeitamente a finalidade e o motivo dessa permissão.

Que ninguém se escandalize com tais contrassensos aparentes, pois no final pedirei contas de todos!

Aos abastados e proprietários dispostos a caminhar dentro de minha ordem, digo:

Sou a Causa de vossa abundância e aplainei os caminhos para tanto, porque tal foi a Minha Vontade. Sede sempre administradores sábios de bens adquiridos com justiça, e não desconsidereis os irmãos mais pobres com desprezo e orgulho, pois desconheceis qual o espírito que habita neles e para que finalidade enviei tal alma para a Terra. De corações alegres, deveis dar de vosso supérfluo e jamais afasteis um pedinte de vossa porta. Praticai, desse modo, a misericórdia como espírito máximo, que depus em vós como tendência latente, e deverá ser desenvolvido à máxima maturação. Então sereis justificados perante vosso Criador e Pai, que dirá: “É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha, que um rico de coração endurecido entrar no Meu Reino do Céu.”

Aos pobres e necessitados, digo:

Sou a Causa de vossa pobreza, que assim teve que entrar em evidência, a fim de praticardes a justa humildade e paciência na fé viva e confiança em Minha Conduta Sábia. Saberei sempre conduzir o sentir dos ricos, isentos de coração endurecido, de tal forma a vos beneficiar. Através de vossa vida justa diante de Mim, hão de despertar em vós forças inimagináveis, capacitando-vos a grandes tarefas em Meu Reino. Não vos deixeis dominar por pensamentos nocivos, desejos inferiores e paixões várias, para vos tornardes fortes psiquicamente, assimilando a plenitude da Vida de Mim, e Eu podendo tomar morada em vosso coração como Meu Templo Vivo.

Enquanto esse gênero humano não tiver atingido o renascimento total, haverá pobres e ricos, a fim de aplinar o que não é plano e provocar um justo equilíbrio de todos os contrastes nas coisas e acontecimentos da vida, pela prática zelosa e pelo desenvolvimento das forças psíquicas, caminhando no Meu Amor e na Minha Vida — que é o meu Próprio Espírito!

TU, MEU PEQUENO REBANHO, que sempre conservou a fidelidade em todas as situações da vida, não desanimas, mas aguarda-Me com paciência! Hei de te proteger, guiar por caminhos conhecidos exclusivamente por Mim! Hás de ver o Meu Semblante, podendo palestrar Comigo como um teu irmão.

Felizes todos os que ouvem o Meu Verbo, o aceitam de coração grato e caminham em Meu Amor. Não haverão de

saborear a morte, pois a transformação se fará num instante, de uma maneira muito suave. Como seres eternamente livres, ingressarão, da morte deste mundo mau, numa vida livre e cheia de Luz, onde não haverá mais morte, preocupação e tribulação, mas uma paz e bem-aventurança benéficas serão o seu prêmio!

A eles dedico todo o Meu Amor e Sua Força, Minha Graça e Minha Bênção! Amém!

Fim